

Práticas artísticas e transformação sociocultural

¹Maria Constança Vasconcelos

<https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.131>

Se em algumas sociedades o ensino artístico ainda é visto com alguma menoridade, também é certo que existe cada vez mais, na contemporaneidade, um reconhecimento da importância das artes no desenvolvimento de competências transversais, fundamentais para a vida no séc. XXI.

Fatores como a globalização, proliferação de novas tecnologias, arte contemporânea e o impulso dado à investigação, alimentam a complexidade do ensino artístico hoje, reconfigurando novos panoramas (Vasconcelos, 2016). *Never has art education been more complex or more conflicted, and never have the challenges it face been greater* (Duncun, 2004, p. xiii), pelo que as principais propostas para o ensino artístico são múltiplas, sem sentido, propósito ou direção únicos (Hickman, 2004).

Este panorama pode gerar, para professores e autores de currículos, ansiedade, perplexidade e desconcerto (Bárragan, 2005) mas, ao invés, para quem acredita nos benefícios da educação artística, pode revelar-se um grande desafio intelectual, dinâmico e criativo, atendendo aos extraordinários recursos atuais disponíveis. Alguns teóricos apontam para a necessidade de uma revisão concetual do mapa de tendências e orientações artísticas, no sentido de organizar a complexidade do campo e tomar posições conscientes no estabelecimento de diretivas e currículos. Enquanto decorre esse debate fundamental, seguimos Hickman (2004), quando refere a importância de examinar as nossas práticas artísticas à luz das práticas contemporâneas, da cultura visual e novas tecnologias. Concordamos com Hickman, (2004), ao dizer que o professor: *“remains the essential driving force for imaginative, creative and challenging art education in schools”* (p. 4) e que o mais importante fator na determinação das atividades artísticas na escola é o sistema de crenças pessoais dos professores, apesar da imposição do currículo que funciona apenas como referente.

Assistimos a um alargamento do campo da educação artística em diferentes dimensões complementares. A primeira é o reconhecimento da sua importância no desenvolvimento integral dos alunos, pela capacidade de compreensão e recriação do mundo, expressão da subjetividade do eu e ambiente favorável ao desenvolvimento da cidadania. A arte,

¹ Professora Associada da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT). Coordenadora do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário.

como experiência e prática transformadora, permite alterar o ambiente individual, social e comunitário, através de práticas estéticas (Jimenez, L.; Aguirre, I. & Pimentel, L. 2009). Outra dimensão é a arte contemporânea, integradora, eclética, multimídia, permeada pela hibridização de conceitos e meios, expandindo-se da alta cultura para as artes populares, design, media digital, e que se centra agora em qualquer artefacto visual, constitutivo de atitudes, valores e crenças com conteúdo cultural (Marchesi, 2009). Outra importante dimensão decorre do uso das novas tecnologias e do mundo das imagens que caracteriza a sociedade de hoje. Referimos ainda a expansão do próprio âmbito do ensino artístico, no sentido de maior compreensão e apreciação do mundo visual, através do compreender arte, fazer arte e interagir com o mundo dos outros. A introdução da *Discipline Based Art Education*, ou a versão britânica de *Critical Studies*, teve enorme impacto no modo como a arte passou a ser ensinada – fazer arte, estética, história e crítica da arte. Nem todos os alunos serão artistas, mas todos têm direito a melhorar a sua qualidade de vida pela compreensão de obras de arte no seu contexto, desenvolvimento da estética, sendo uma atitude civilizacional para formar uma população culturalmente consciente.

Este alargamento do campo da educação artística tem levado à consideração, no ensino, da relevância do reforço das estratégias face aos conteúdos. O enfoque merece ser posto, acima de tudo, em estratégias que forneçam aos alunos competências para investigar, experimentar, criticar e interpretar o mundo visual, como participantes ativos, numa educação que reflita o pluralismo da sociedade contemporânea. Pretende-se que o aluno elabore estratégias para desenvolver experiências artísticas e de produção cultural de criação e de interpretação, que ajudem a conhecer-se melhor a si e aos outros através da relação identidade e diferenciação (Barragán, 2005; Vasconcelos, 2018).

É importante a escolha de projetos ricos em potencial de aprendizagem e pensar em modos de integrar as novas tecnologias, criando ambientes de investigação com o propósito de experimentação criativa, de contemplação e independência de pensamento. Nesta perspetiva, refira-se a relevância da utilização da parte dos professores de atitudes reflexivas, tornando-se, cada vez mais, investigadores criativos da sua própria prática para a compreender, melhorar e partilhar (Vasconcelos, 2018).

Nesse ajustamento às práticas artísticas contemporâneas e cultura visual, consideramos que qualquer que seja o programa de ensino, as propostas de trabalho devem ser temáticas, ir ao encontro dos interesses dos alunos, fazendo ligações à comunidade. Qualquer que seja o tema a tratar a presença da obra de arte deve sempre existir dum modo sincrónico, diacrónico e multicultural. Consideramos a relevância dos seguintes aspetos:

Desenvolver a inteligência visual, na compreensão do mundo e do mundo das imagens e no fazer arte

Trata-se de dominar de forma competente os meios para interpretar e produzir arte, pensamento visual e criativo. Os alunos precisam de aprender competências, para gerar as suas próprias imagens, explorar o seu mundo interior, responder ao seu ambiente de modo significativo e experimentar com media e materiais para ajudar a desenvolver competências de resolução de problemas, encorajando a reflexão crítica e a partilha.

Abrir-se à diversidade de culturas procurando exemplos de todos os tempos e culturas

Ensinar arte não é apenas ensinar a “fazer arte”, mas a compreendê-la e interpretá-la como

importante manifestação humana, que percorre a história da humanidade e da cultura. As obras artísticas são os lugares onde a integração do conhecimento é maximizada porque são chaves de compreensão do mundo (Efland, 2002). Como educadores, devemos pôr os alunos em contacto com produções culturais que enriqueçam as suas vivências cognitivas, emocionais, sociais e, descobrindo significados, responder-lhes visual e criticamente. Na escolha de obras de arte é importante que: se adequem à comunidade específica, indo ao encontro dos interesses e desenvolvimento dos alunos; desafiem visões estabelecidas e não questionadas do mundo; mostrem como a arte contemporânea faz a ponte para o passado na história de arte; gerem uma unidade interdisciplinar com uma ideia chave e diversos pontos de vista sobre a condição humana (Gaudelius & Speirs, 2002).

Utilizar todas as estratégias para desenvolver a criatividade e a imaginação

Sem capacidade de criar ficamos parados na vida tal como ela é, e não como poderia ou deveria ser e, por isso, educar criativamente é educar para a mudança, que se pretende construtiva. As questões colocadas pela criação artística, não têm respostas únicas e uniformes, pois pertencem a um domínio de conhecimento não estruturado (Efland, 2002) e são, assim, semelhantes às questões que a vida nos coloca. A criatividade permite a vitalidade cultural, através da diversidade de propostas e é, cada vez mais, uma forma de expressão cultural. O desenvolvimento da criatividade através da arte permite criar hábitos mentais transferíveis para qualquer área do saber, para além do contributo na realização pessoal, cidadania ativa e integração social.

Articular o ensino das artes com a comunidade ajudando a desenvolver a cidadania

A educação artística busca o desenvolvimento de práticas baseadas na aceitação e respeito pelos outros e por outras culturas, para o desenvolvimento de competências cidadãs. Dado o potencial da cultura visual para explorar temas da experiência humana, as práticas artísticas podem criar e realçar o sentido de comunidade (Gaudelius & Speirs 2002). A ligação à comunidade pode envolver o estudo do património global e local, dinamização de atividades, inclusão de questões sociais como identidade, violência, pobreza, género, ecologia, tecnologia, etc. Pode ser feito através de projetos que promovam a unidade do conhecimento, articulando conceitos que fomentem visões do mundo conjuntas.

Desenvolver a sensibilidade estética através da arte para a vida quotidiana, ligando a arte à vida

The world at large is a potential source of delight and a rich source of meaning if one views it within an aesthetic frame of reference. (Eisner, 2002, p. 44). A educação artística deve ocupar-se em fornecer competências que proporcionem a experiência estética e através dela o refinar de emoções, o transcender a realidade, contribuindo para a profundidade do processo formativo de cada ser humano. A estetização do quotidiano permite uma perceção do mundo mais abrangente, reflexiva e menos estereotipada (Roldán, 2005).

Conclusão

A riqueza do alargamento do campo do ensino das artes abre inúmeras possibilidades. Como professores, precisamos de procurar/encontrar métodos e estratégias coerentes com as práticas contemporâneas, caracterizadas pelo ecletismo, interdisciplinaridade,

abrangência, incorporação de novas tecnologias, valorização da diferença, da experiência estética e da articulação com a comunidade. Pela sua transversalidade, a educação artística propicia a criação de um currículo com sentido, que saiba interagir e valorizar a cultura visual dos jovens, empenhando-os criativa e criticamente na construção do futuro.

Referências

- Barragán, J. M. R. (2005). *Educación artística, perspectivas críticas y práctica educativa*. In R. V. Marín (ed.), *Investigación en Educación Artística: Temas, Métodos y Técnicas de Indagación sobre el Aprendizaje y la Enseñanza de las Artes y Culturas Visuales* (pp 43-80). Granada: Universidad de Granada e Universidad de Sevilla.
- Duncun, P. (2004). Forward. In R. Hickman (ed.), *Art Education 11-18 Meaning, Purpose and Direction* (pp xiii-xiv). London: Continuum International Publishing Group.
- Efland, A. (2002). *Art and Cognition: Integrating the Visual Arts in the Curriculum*. NY: Teachers College.
- Eisner, E. W. (2002). *The Arts and the Creation of Mind*. New Haven & London: Yale University Press.
- Gaudelius, I. & Speirs, P. (2002). *Contemporary Issues in Art Education*. New Jersey: Prentice Hall.
- Hickman, R. (2004) (ed). Meaning, Purpose and Direction. In *Art Education 11-18 Meaning, Purpose and Direction* (pp 1-14). London: Continuum International Publishing Group.
- Jimenez, L.; Aguirre, I. & Pimentel, L. (2009). Introducción. In L. Jiménez, I. Aguirre & L. Pimentel (coords), *Educación Artística, Cultura e Cidadania, Metas Educativas 2021* (pp 11-14). España: OEI/Fundación Santillana.
- Marchesi, A. (2009). Preâmbulo. In Jiménez, L.; Aguirre I. & Pimentel, L., (coords) *Educación Artística, Cultura e Cidadania, Metas Educativas 2021* (pp. 7-9). España: OEI/Fundación Santillana.
- Roldán, J. R. (2008). Emociones reconocidas. Formación, desarrollo y educación de las experiencias estéticas. In R. V. Marín (coord.), *Didáctica de la Educación Artística para Primaria* (pp143-177). Madrid: Pearson Educación.
- Vasconcelos, M. C. (2016). Desenho: dimensões estratégicas na formação em design e artes visuais. In G. Trinchão. (Org.), *Desenho, Ensino e Pesquisa* (pp 99-122). Salvador, Bahia: UFBA.
- Vasconcelos, M. C. (2018). Investigaçã-o-ação um contributo para a melhoria da prática no ensino das artes. In M. Vega, R. A. de la Fuente & G. S. Romero (coords.), *Focalizando áreas del saber desde sus nuevas lecturas* (pp. 431-443). Barcelona: Editorial Gedisa.